

RESENHA ECONÔMICA

QUADROS E COMENTÁRIOS DA ECONOMIA BRASILEIRA E MUNDIAL

9

9ª Edição

Juros em queda, incertezas em alta:
os movimentos que redesenham
a economia e os negócios.

6 DE AGOSTO DE 2026



Esta publicação possui finalidade exclusivamente educacional e informativa.

As notícias, imagens, gráficos e demais conteúdos de terceiros são utilizados como referência para análise e debate econômico, permanecendo os respectivos direitos autorais pertencentes aos seus titulares.

Essa **Resenha Econômica** reúne uma seleção de indicadores e análises sobre a economia brasileira e internacional. O material reúne dados e perspectivas extraídos de diversas fontes amplamente acessíveis, como boletins econômicos, relatórios financeiros, revistas especializadas (Veja e Exame) e veículos de imprensa (Estadão, Folha, Valor, O Globo, entre outros). O objetivo desta resenha é oferecer um panorama atualizado dos principais temas econômicos, auxiliando na compreensão das tendências e dos impactos no mercado. Vale destacar que as informações aqui apresentadas não constituem uma opinião ou análise formal da **ANEFAC** ou da **ADVB**, mas sim um compilado de diferentes visões do mercado. Cabe ressaltar que este material se restringe exclusivamente à análise de cenários econômicos, sem questões de natureza política.

Boletim FOCUS semanal



Boletim FOCUS de 31-julho-26 - publicado em 03-agosto-26

ANO	PROJEÇÕES		VAR%
	SEMANA ANTES	SEMANA ATUAL	

INFLAÇÃO META BACEN

TOLERANCIA	
ABAIXO	ACIMA
-1,50%	1,50%

IPCA - INFLAÇÃO

2026	5,12%	5,03%	-0,09%	↓
2027	4,22%	4,22%	0,00%	==
2028	3,80%	3,80%	0,00%	==
2029	3,50%	3,50%	0,00%	==

3,00%	1,50%	4,50%
3,00%	1,50%	4,50%
3,00%	1,50%	4,50%
3,00%	1,50%	4,50%

PIB BRASIL

2026	1,99%	1,99%	0,00%	==
2027	1,60%	1,57%	-0,03%	↓
2028	2,00%	2,00%	0,00%	==
2029	2,00%	2,00%	0,00%	==

SELIC no final do ano

2026	14,00%	13,75%	-0,25%	↓
2027	12,00%	12,00%	0,00%	==
2028	10,50%	10,50%	0,00%	==
2029	10,00%	10,00%	0,00%	==



Focus - Relatório de Mercado

Pesquisa diária sobre o cenário econômico com 140 instituições financeiras – bancos, gestoras de recursos, consultorias e associações.

CÔRES NAS VARIAÇÕES

- é bom
- é neutro
- não é bom

DATAS DAS REUNIÕES 2026 COPOM-BRASIL E FOMC-EUA



BRASIL

COPOM

1	276 ^a	27 e 28 de janeiro
2	277 ^a	17 e 18 de março
3	278 ^a	28 e 29 de abril
4	279 ^a	16 e 17 de junho
5	280 ^a	4 e 5 de agosto
6	281 ^a	15 e 16 de setembro
7	282 ^a	3 e 4 de novembro
8	283 ^a	8 e 9 de dezembro

ESTADOS UNIDOS

FOMC

1	27 e 28 de janeiro
2	17 e 18 de março
3	28 e 29 de abril
4	16 e 17 de junho
5	28 e 29 de julho
6	15 e 16 de setembro
7	27 e 28 de outubro
8	8 e 9 de dezembro

NESSAS DATAS SÃO DECIDIDAS AS TAXAS DE JUROS

Copom reduz a taxa Selic de 14,25% para 14% e deixa próximos passos em aberto

Finanças Comitê do BC divulgou comunicado mais curto, para evitar ruídos. Corte é o quarto seguido e foi unânime

Banco Central reduz Selic a 14% ao ano sem antecipar próximos passos

Corte de 0,25 ponto, pela 4ª vez seguida, consolida um dos ciclos mais suaves de queda de juros da história; Copom adota comunicado mais curto após ruído em junho

Nathalia Garcia

BRASÍLIA O Copom (Comitê de Política Monetária) reduziu nesta quarta-feira (5) a taxa básica de juros para 14% ao ano, com um corte de 0,25 ponto percentual na Selic pela quarta vez seguida. O novo recuo consolidou um dos ciclos mais suaves de queda promovidos pelo Banco Central desde a criação do sistema de metas para a inflação, em 1999.

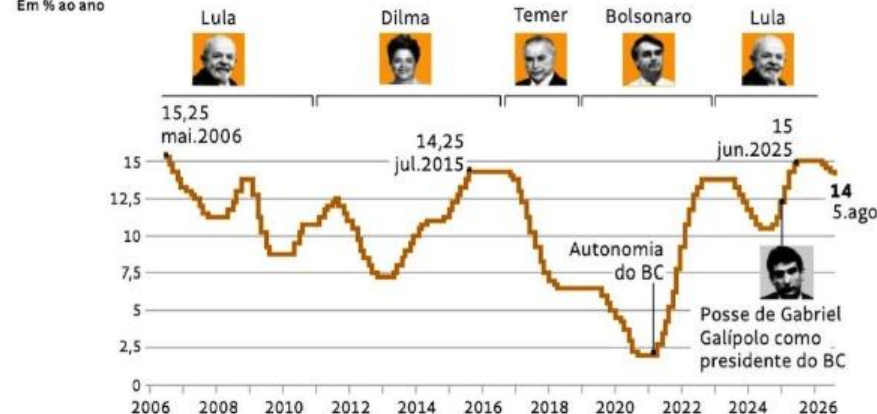
No comunicado, o colegiado não antecipou seus próximos passos e voltou a dizer que o tamanho total do ciclo será estabelecido “à luz de novas informações”, diante dos riscos associados à trajetória dos preços. “O comitê seguirá acompanhando a evolução do cenário de forma a manter a restrição adequada para assegurar a convergência da inflação à meta”, disse.

A decisão foi unânime e já era dada como certa pelo mercado.

O colegiado falou em “serenidade e cautela” na condução dos juros diante de uma conjuntura de maior incerteza, da piora das expectativas para inflação e dos riscos elevados em torno de seu principal cenário.

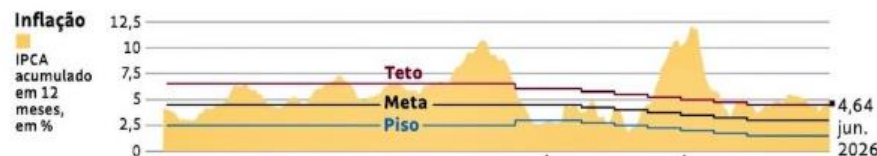
Evolução da taxa básica de juros

Em % ao ano



Inflação

IPCA acumulado em 12 meses, em %



Jornal FOLHA
6-ago

Fontes: Banco Central, Bloomberg e IBGE

Quando a expectativa é de inflação em queda, com perspectiva de encerrar o ano **dentro da meta**, o BC pode reduzir os juros, o que ajuda também a estimular a economia

Quando existe expectativa de que a inflação fique **acima da meta**, o Copom (Comitê de Política Monetária) pode subir os juros com o objetivo de reduzir o estímulo à atividade econômica, o que diminui o consumo e equilibra os preços

QUADRO DE INCERTEZAS

Jornal GLOBO 6-ago

JURO CAI PARA 14% AO ANO

BC reduz Selic pela quarta vez seguida e deixa próximos passos em aberto

THAÍS BARCELLOS
thaïs.barcellos@bcb.gov.br
BRASILIA

A pós a moderação dos dados de inflação e atividade econômica, o Banco Central (BC) decidiu cortar a Taxa Selic em 0,25 ponto percentual no Comitê de Política Monetária (Copom) de ontem, de 14,25% para 14% ao ano. É a quarta queda no ciclo de calibração dos juros básicos — todas na mesma dose —, somando no total 1 ponto percentual de alívio, em um dos processos de afrouxamento monetário mais graduais da história do Copom.

O atual ciclo de redução da Selic foi iniciado em março, após a taxa ter sido mantida por cerca de nove meses (desde junho de 2025) no pico de quase duas décadas, de 15%. O novo nível alcançado com a decisão unânime do colegiado liderado pelo presidente do BC, Gabriel Galípolo, é o menor desde março do ano passado (13,25%).

Trajetória da taxa básica



Com a decisão do BC, Taxa Selic recua ao menor patamar desde março do ano passado

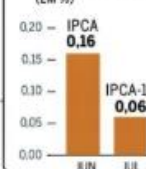
DECISÃO ERA ESPERADA

110 de 113 Instituições

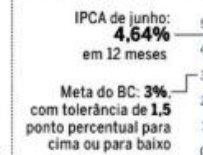
consultadas pelo Valor
Pro esperavam corte de
0,25 ponto percentual

O QUE INFLUENCIA A DECISÃO

Inflação menor... (EM %)



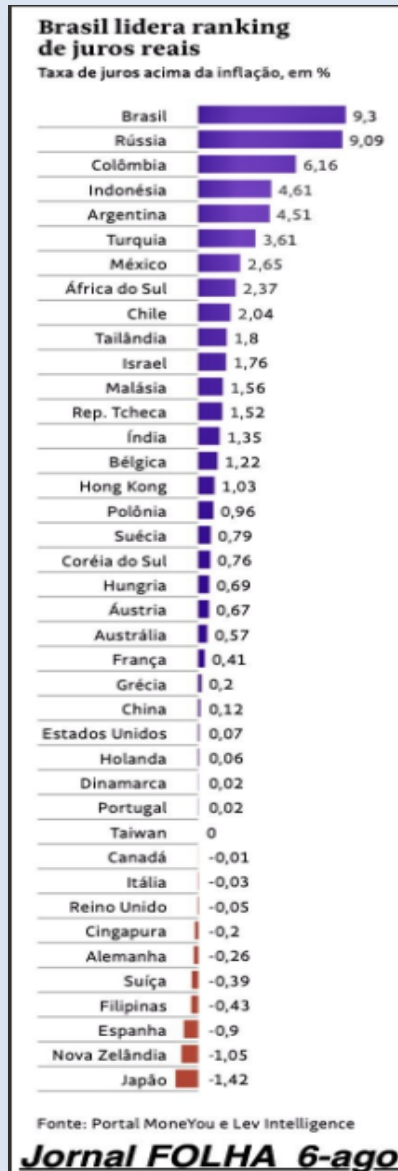
...mas ainda acima da meta



PREVISÕES DO BC



FONTES: BC, IBOGE E BLOOMBERG



10,25 p.p

é agora a diferença entre os juros dos Estados Unidos e do Brasil; na semana passada, o Fed (Federal Reserve, banco central americano) resolveu manter as taxas na faixa entre 3,5% e 3,75%

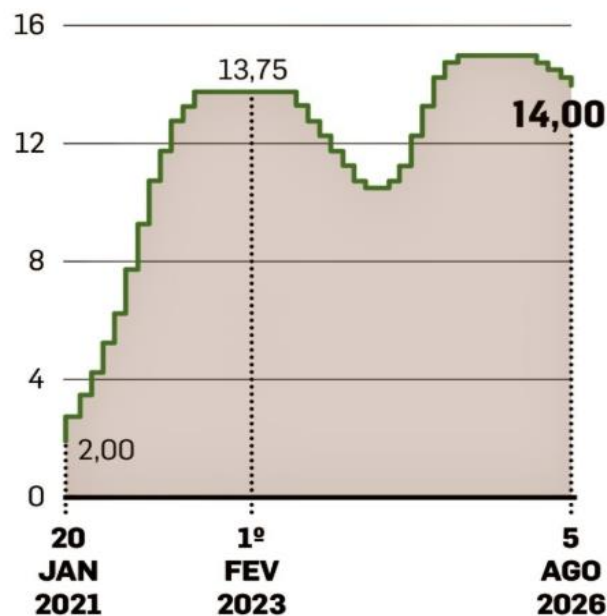
Banco Central reduz Selic a 14% e deixa próximos passos em aberto

BC diz que ciclo de 'calibragem' dos juros continua condicionado à evolução de preços; ainda assim, economistas veem porta aberta para novo corte em setembro

SELIC

Jornal ESTADÃO 6-ago

EVOLUÇÃO DOS JUROS BÁSICOS
EM PORCENTAGEM AO ANO



FONTE: BANCO CENTRAL / INFOGRÁFICO: ESTADÃO

.....

BRÁSILIA
SÃO PAULO
.....

O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central decidiu ontem reduzir a Selic em 0,25 ponto porcentual, de 14,25% para 14% ao ano. A decisão foi unânime e ficou em linha com a expectativa do mercado financeiro.

Em comunicado divulgado após sua reunião, o colegiado não antecipou seus próximos passos e voltou a dizer que o tamanho total do ciclo de "calibragem" da taxa básica de ju-

ros será estabelecido "à luz de novas informações visando assegurar a convergência da inflação à meta".

"O cenário atual, caracterizado por significativo aumento da incerteza, desancoragem das expectativas e riscos elevados em torno do cenário-base, demanda serenidade e cautela na condução da política monetária. O comitê seguirá acompanhando a evolução do cenário de forma a manter a restrição adequada para assegurar a convergência da inflação à meta", diz o texto.

PRINCIPAIS PONTOS SOBRE A SELIC



O Banco Central realizou o quarto corte consecutivo da Selic, reduzindo a taxa para 14,0% ao ano, decisão unânime do COPOM.

- O comunicado foi mais curto e evitou indicar claramente os próximos movimentos, mostrando que as próximas decisões dependerão da evolução dos indicadores econômicos.
- A inflação apresenta trajetória mais favorável, porém ainda exige cautela, principalmente em relação às expectativas futuras.
- O diferencial entre os juros brasileiros e americanos permanece bastante elevado, mantendo o Brasil entre os países com maior taxa real de juros do mundo.
- Para as empresas, inicia-se um ambiente gradualmente mais favorável ao crédito, investimentos e novos projetos, embora o custo financeiro ainda permaneça elevado.
- Caso a inflação e o cenário fiscal continuem evoluindo positivamente, existe espaço para novos cortes da Selic ao longo dos próximos meses.

TARIFAÇÃO TRUMP

NOVAS SANÇÕES

A **sobretaxa de 25%** imposta pelo governo Trump aos produtos brasileiros prevê mais de **2 100 exceções**, mas afeta setores importantes



PRINCIPAIS PRODUTOS TAXADOS

- ✓ AÇÚCAR ORGÂNICO
- ✓ BENS DE CAPITAL
- ✓ CALÇADOS
- ✓ ETANOL
- ✓ FERRAMENTAS
- ✓ MANUFATURAS EM GERAL
- ✓ MÁQUINAS AGRÍCOLAS
- ✓ PAPEL
- ✓ PRODUTOS QUÍMICOS
- ✓ VESTUÁRIO

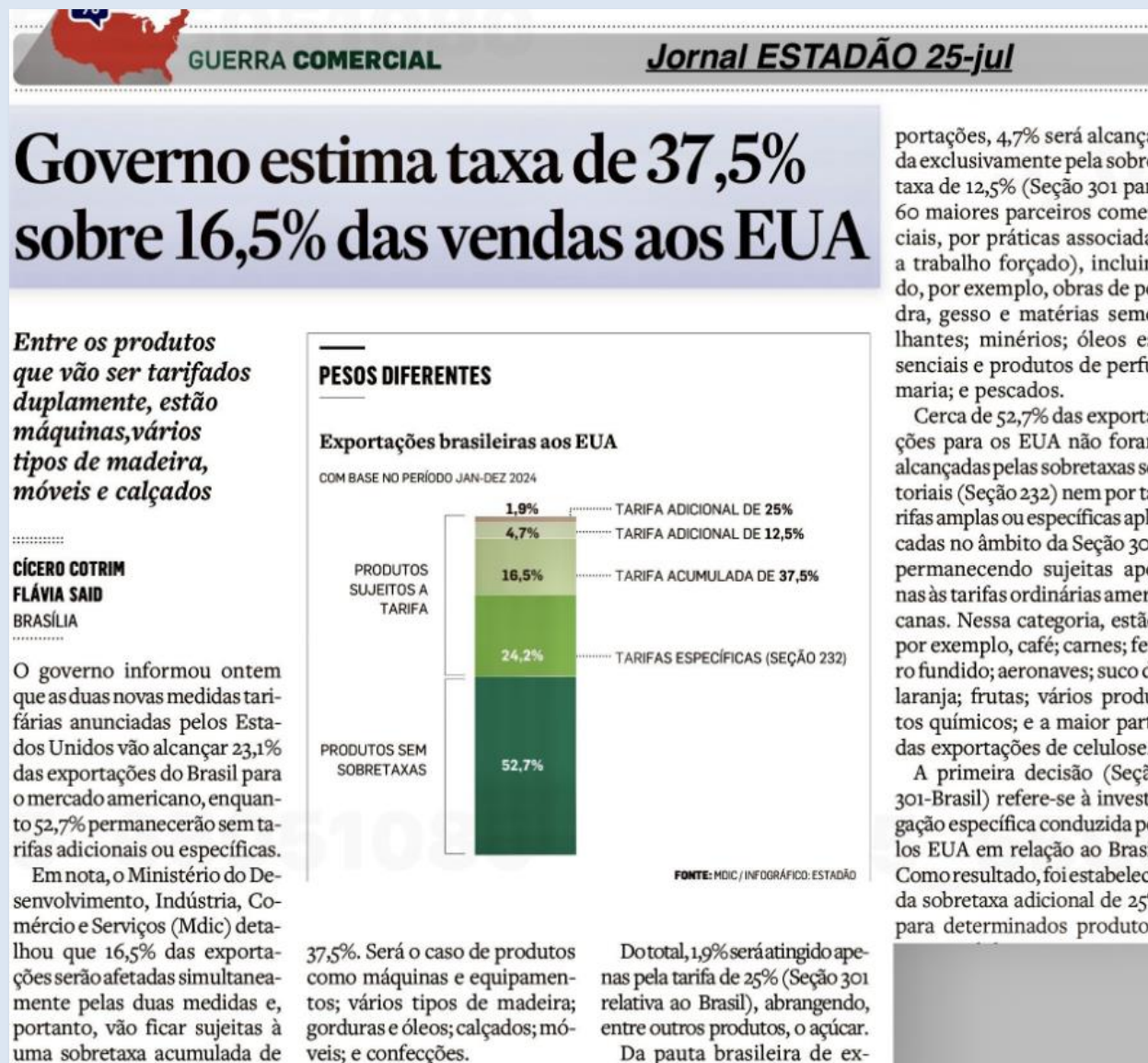
Revista VEJA
17-jul



PRINCIPAIS PRODUTOS ISENTOS

- ✓ AERONAVES E COMPONENTES
- ✓ CAFÉ
- ✓ CARNE BOVINA
- ✓ CELULOSE
- ✓ FERRO-GUSA
- ✓ LARANJA E SUCO DE LARANJA
- ✓ MEL
- ✓ PETRÓLEO
- ✓ PRODUTOS FARMACÊUTICOS
- ✓ TERRAS-RARAS

Fonte: USTR

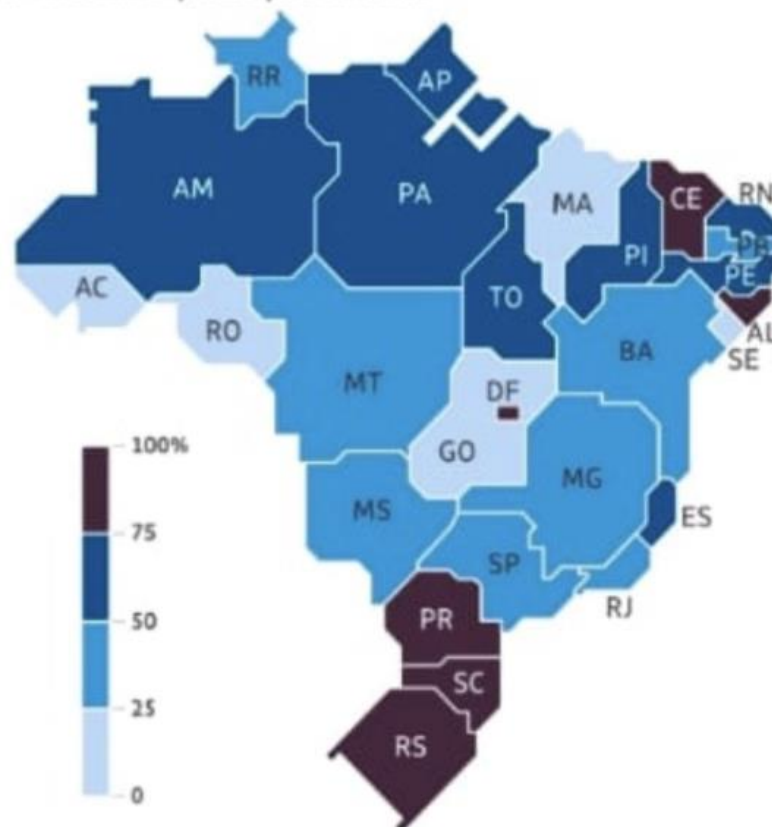


TARIFAÇÃO TRUMP

Jornal FOLHA 01-ago

**Quanto das exportações aos EUA será
taxado pelo novo tarifaço de Trump**

Em % do valor exportado por cada estado



Peso dos EUA nas exportações totais dos estados

% do valor total exportado por estado

Tarifas de Trump impactam até 42% das exportações de estados brasileiros

Quase metade das exportações do Ceará
vão para os EUA, e 91,3% desse comércio é
atingido; São Paulo é o 5º mais impactado

TARIFAÇÃO TRUMP

São Paulo é a segunda cidade do País mais atingida pelo tarifaço

TARIFAÇÃO

Setores diferentes foram atingidos pelas tarifas impostas pelos EUA

Municípios mais afetados pelos novos tarifas de Trump

EM MILHÕES DE DÓLARES

1ª	PIRACICABA	SP	1.192,8
2ª	SÃO PAULO	SP	239,4
3ª	JOINVILLE	SC	230,0
4ª	SERRA	ES	216,2
5ª	PETRÓPOLIS	RJ	203,8
6ª	SUZANO	SP	192,0
7ª	CAMPO LARGO	PR	184,1
8ª	CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM	ES	178,7
9ª	GUARULHOS	SP	176,8
10ª	CAÇADOR	SC	178,0
11ª	SÃO LEOPOLDO	RS	164,8
12ª	RIBEIRÃO PIRES	SP	153,4
13ª	SANTA CRUZ DO SUL	RS	139,4
14ª	CAMPO LIMPO PAULISTA	SP	131,1
15ª	SOROCABA	SP	120,8

Jornal ESTADÃO 26-jul

Exportações brasileiras aos EUA

COM BASE NO PERÍODO JAN-DEZ 2024



FONTE: MDIC E ANCHAMBRASIL / INFOGRÁFICO ESTADÃO

Com forte produção de máquinas, capital paulista sofrerá com taxas americanas; Joinville (SC) vem na sequência

DANIEL WETERMAN
BRASÍLIA

A segunda cidade brasileira mais afetada pelo tarifaço do governo americano é São Paulo, considerando as vendas de máquinas, gorduras de origem

animal e vegetal e outros equipamentos para os EUA. Em seguida, vem Joinville (SC), maior polo industrial de Santa Catarina, por causa da relevância do setor metalmeccânico.

Serra (ES) e Cachoeiro de Itapemirim (ES) são outras cidades fortemente afetadas pelas tarifas de Trump. Ao lado de outros municípios capixabas, empresas do Estado exportam rochas naturais para os americanos.

A tarifa de 25% atingiu as vendas de granito e mármore, afetando negócios instalados

em diferentes cidades do Espírito Santo. Diante desse cenário, as empresas começaram a se planejar para aumentar as vendas de quartzito, outro tipo de rocha, mais raro e caro, que havia ficado isento. O produto, porém, acabou incluído na tarifa de 12,5%, junto com granito e mármore, frustrando os empresários.

"Mármore e granito representam 30% de tudo o que exportamos para os Estados Unidos em rochas naturais. Ninguém quer perder 30%", afirma Tales Machado, presidente da

Associação Brasileira de Rochas Naturais (Centrorochas). "Além disso, de tudo o que os Estados Unidos importam de rochas do mundo, 65% é mármore e granito, e só essa importação representa US\$ 2 bilhões. Ou seja, é onde temos espaço para crescer e, sendo taxados, vamos ficar de fora", diz.

A maior parte da pauta exportadora do Brasil não foi afetada pelo tarifaço de Trump. Segundo o governo brasileiro, as duas novas tarifas alcançam simultaneamente 16,5% das exportações brasileiras,

TARIFAÇÃO TRUMP



COMENTÁRIOS TARIFAÇÃO TRUMP



- A nova política tarifária dos Estados Unidos amplia as incertezas no comércio internacional.
- O aumento das tarifas tende a reduzir o crescimento do comércio mundial e aumentar custos de produção em diversos setores.
- Empresas exportadoras precisarão diversificar mercados e revisar cadeias de suprimentos.
- Para o Brasil, alguns setores podem perder competitividade, enquanto outros poderão conquistar espaço caso substituam fornecedores de países mais afetados.
- A volatilidade cambial tende a permanecer elevada, exigindo maior atenção na gestão financeira e na contratação de hedge.
- O cenário reforça que decisões geopolíticas continuarão sendo um dos principais fatores de risco para a economia mundial em 2026.

FUSÕES E AQUISIÇÕES



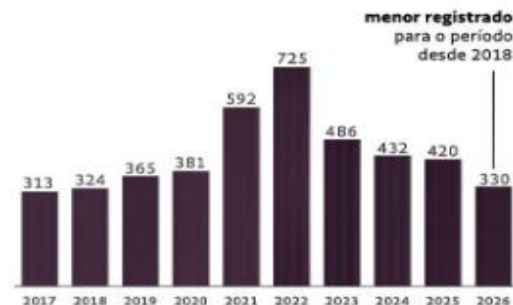
Mercado de fusões e aquisições no Brasil nos últimos anos

Volume negociado nas operações, em bilhões de US\$

■ 1º semestre
■ 2º semestre



Número de transações no primeiro semestre por ano



Principais transações em 2026

Em bilhões de US\$

Data	Alvo	Comprador	Desinvestidor	Valor
23.abr	Brava Energia	Ecopetrol	Jive, BTG Pactual	4,1
26.fev	Bradsaúde	Odontoprev	Bradesco	3,3
20.abr	Serra Verde Pesquisa e Mineração	USA Rare Earth	Denham, Vision Blue, Energy and Minerals	3,1
30.jan	Companhia Brasileira de Alumínio	Chalco e Rio Tinto	Vetorantim	1,9
12.jun	Cepasa	Equatorial Energia	Estado de Minas Gerais	1,1

Fonte: Seneca Evercore, com MergerMarket

Jornal FOLHA 22-jul

Fusões e aquisições recuam 6% em valor no Brasil no 1º semestre

Número de transações é o menor desde 2018; juros altos e tarifaço de Trump devem segurar apetite dos investidores nos próximos meses

Flavia Lima e Tamara Nassif

SÃO PAULO Se globalmente o mercado de fusões e aquisições está bastante aquecido, no Brasil o cenário é um pouco mais complexo.

De um lado, potenciais compradores se perguntam por que adquirir uma empresa das mãos do vendedor se é possível comprar ações mais baratas dessa mesma empresa na Bolsa. De outro, vendedores com bons ativos que não querem vender a qualquer custo.

No meio disso tudo, um novo tarifaço imposto pelo governo de Donald Trump trouxe mais incertezas para o segundo semestre.

Esse é um resumo do setor de fusões e aquisições (M&A) em 2026. De janeiro a junho, as operações de M&A de empresas no Brasil somaram US\$ 30,5 bilhões (R\$ 153 bilhões), queda de 6% em relação a igual período do ano passado, mostram dados compilados pela Seneca Evercore, assessoria financeira especializada em M&A e mercado de capitais.

Indicador do BC mostra discrepância no crescimento econômico regional

Hamilton Ferrari
De Brasília

Os Estados brasileiros com economia mais afetada pela política monetária vem apresentando um desempenho mais fraco, enquanto outros, como o Rio de Janeiro e o Espírito Santo, vêm sendo beneficiados pelo encarecimento do petróleo. A discrepância das taxas de crescimento varia de quase zero a 5% no acumulado de 12 meses até maio, segundo números do Índice de Atividade Econômica Regional (IBCR) divulgados na quarta-feira pelo Banco Central (BC) e levantados pelo **Valor**. O IBCR é publicado mensalmente pelo BC, que sintetiza informações de diferentes setores (agropecuária, indústria e serviços).

Os índices de atividade de Rio de Janeiro, Espírito Santo e Mato Grosso do Sul foram os que mais cresceram no período, com taxas de expansão de 5%, 3,9% e 3,7%, respectivamente. São Paulo, por outro lado, cresceu 0,4%.

Jornal VALOR 24-jul

Economia regional

Crescimento acumulado em 12 meses*

Por estado	Variação (%)
Rio de Janeiro	5
Espírito Santo	3,9
Mato Grosso do Sul	3,7
Mato Grosso	3,6
Pernambuco	3,2
Rio Grande do Sul	3
Pará	2,9
Maranhão	2,4
Goiás	2,4
Bahia	2
Santa Catarina	2
Ceará	1,6
Rio Grande do Norte	1,5
Minas Gerais	1,5
Paraná	1,5
Amazonas	0,9
São Paulo	0,4

Por região	Variação (%)
Centro-Oeste	3,1
Nordeste	2,7
Norte	2,3
Sul	2,2
Sudeste	1,6

Fonte: Banco Central * até maio

CARRO CHINÊS



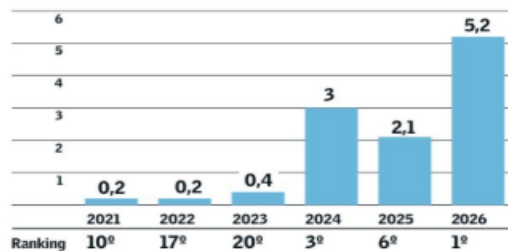
Corrida ao topo

Brasil lidera entre maiores destinos de carros exportados pelos chineses em 2026

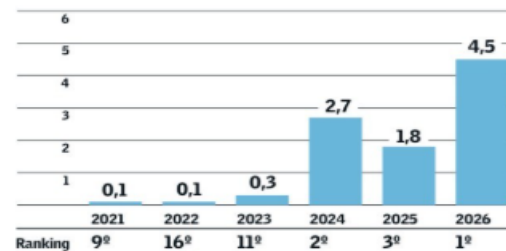
Maiores importadores de automóveis da China*

	Posição 2026	Posição 2025	Valor importado - US\$ bilhões	Variação sobre 2025 (%)
Brasil	1º	6º	5,2	146,9
Rússia	2º	5º	5,0	124,0
Bélgica	3º	2º	3,8	45,4
Reino Unido	4º	4º	3,8	67,8
Austrália	5º	7º	3,4	93,7

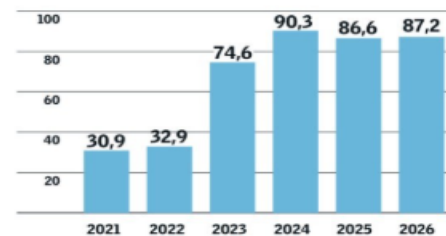
Importações totais de automóveis da China pelo Brasil*



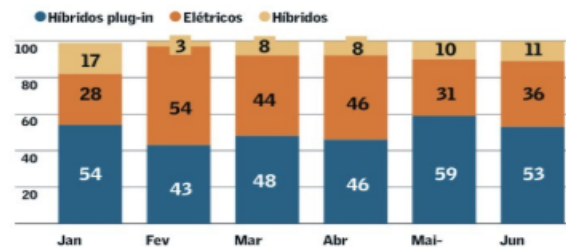
Importações de eletrificados da China pelo Brasil*



Participação dos eletrificados na importação de carros chineses* - em %



Fatia de cada categoria nas importações mensais de eletrificados do 1º semestre - em %



Fonte: Alfândega chinesa, MdC e CEBC *nos 5 primeiros meses do ano

Jornal VALOR 28-jul

Comércio exterior De janeiro a maio, país comprou US\$ 5,2 bi em veículos eletrificados ou convencionais, 149% a mais que em igual período do ano passado

Brasil já é o maior importador de carro chinês do mundo

Marcelo Osakabe e Álvaro Fagundes
De São Paulo

O Brasil se tornou em 2026, pela primeira vez, o principal importador de carros chineses no mundo. De janeiro a maio deste ano o país comprou US\$ 5,2 bilhões em veículos eletrificados ou convencionais, superando compradores mais tradicionais como Rússia (US\$ 5 bilhões) e Bélgica (US\$ 3,8 bilhões) para chegar ao topo do ranking.

Os dados da alfândega chinesa mostram que as compras automóveis do gigante asiático mais que dobraram em relação aos US\$ 2,1 bilhões registrados no mesmo período do ano passado — alta de 146,9%. Naquele momento, o Brasil ocupava o sexto lugar entre maiores importadores.

O movimento é liderado pelos carros eletrificados, cuja importação somou US\$ 4,5 bilhões nos primeiros cinco meses do ano. Apenas nos meses de abril e maio, o volume alcançou US\$ 2,7 bilhões.

Jornal FOLHA 31-jul

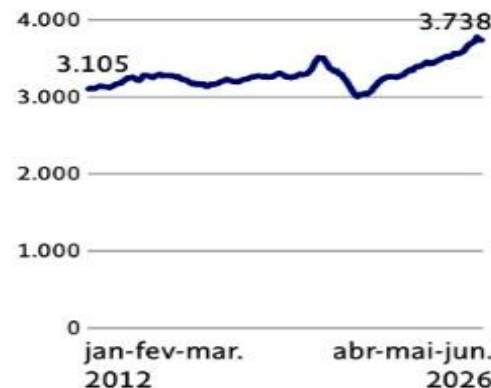
Taxa de desemprego

Em %



Renda média dos ocupados

Em R\$



Fonte: IBGE

Desemprego recua a 5,4% e tem menor taxa até junho na série histórica

Mercado de trabalho ainda mostra força, mas dá sinais de desaceleração, de acordo com analistas; renda média estaciona

Leonardo Vieceli

RIO DE JANEIRO A taxa de desemprego recuou a 5,4% no Brasil no trimestre até junho, o menor nível para esse intervalo na série histórica iniciada em 2012, disse nesta quinta-feira (30) o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Economistas afirmam que o mercado de trabalho ainda mostra força, mas começa a dar sinais mais claros de desaceleração. Um dos indícios apontados é o comportamento da renda média, praticamente estável em R\$ 3.738 por mês.

O desemprego estava em 6,1% nos três meses encerrados em março, que servem de base de comparação na Pnad Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua).

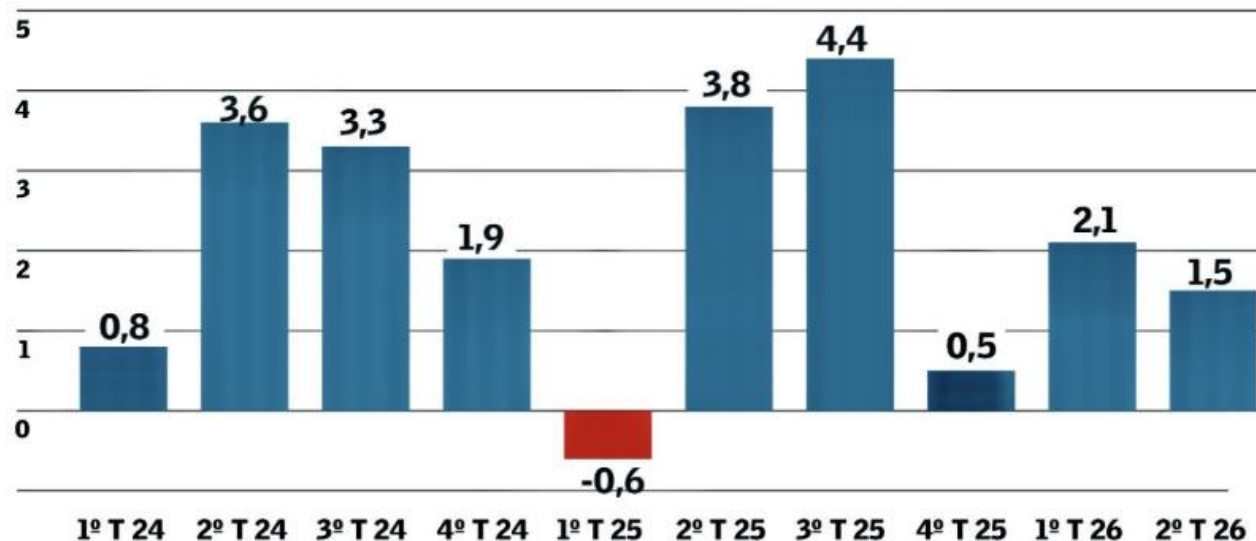
A taxa de 5,4% ficou em linha com a mediana das projeções do mercado financeiro, que também era de 5,4%, conforme a agência Bloomberg.

PIB dos EUA perde ritmo e cresce apenas 1,5% no 3º trimestre

PIB dos EUA

Taxa trimestral anualizada - em %

Jornal VALOR 31-jul



Fonte: U.S. Bureau of Economic Analysis. Elaboração: Valor Data

Paul Wiseman

Associated Press, de Washington

A economia dos EUA se expandiu a um ritmo fraco de 1,5% entre abril e junho, pois o aumento das importações pesou sobre o crescimento, mas os consumidores continuaram a gastar. Além disso, o indicador de inflação preferido do Federal Reserve (Fed, o banco central dos EUA) subiu no mês passado. E continuou acima da meta de 2% do banco central em um momento em que os americanos estão frustrados com o alto custo de vida a menos de 100 dias das eleições de meio de mandato.

Segundo o Departamento de Comércio informou ontem, o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) dos EUA — a produção de bens e serviços do país — se desacelerou em comparação aos 2,1% registrados nos primeiros três meses de 2026 e ficou abaixo das expectativas de economistas.

TAXA BÁSICA

Fed mantém juros entre 3,5% e 3,75% nos EUA; 3 dirigentes defendem alta

São Paulo - O Fed (Federal Reserve, o banco central dos Estados Unidos) manteve a taxa básica de juros na faixa entre 3,5% e 3,75% na decisão de política monetária desta quarta-feira (29). A decisão foi aprovada por 9 votos a 3, com três dirigentes defendendo alta imediata de 0,25 ponto percentual. O órgão disse que a atividade econômica continua crescendo em ritmo sólido apesar da incerteza causada pela guerra no Oriente Médio.

Após a decisão, o rendimento dos títulos do Tesouro de 30 anos saltou até 0,14 ponto percentual, chegando a 5,23%.

Com Reuters e Financial Times

- A economia americana continua demonstrando resiliência, mesmo após longo período de juros elevados.
- O Federal Reserve mantém postura cautelosa, aguardando novas evidências de desaceleração da inflação antes de iniciar um ciclo mais intenso de redução dos juros.
- Juros elevados nos EUA continuam atraindo recursos para ativos americanos, reduzindo parcialmente o fluxo de capitais para países emergentes.
- As decisões do FED permanecem sendo uma das principais referências para os bancos centrais do mundo, inclusive para o Banco Central brasileiro.
- A velocidade da redução dos juros americanos influenciará diretamente o câmbio, o custo do capital e os investimentos internacionais.

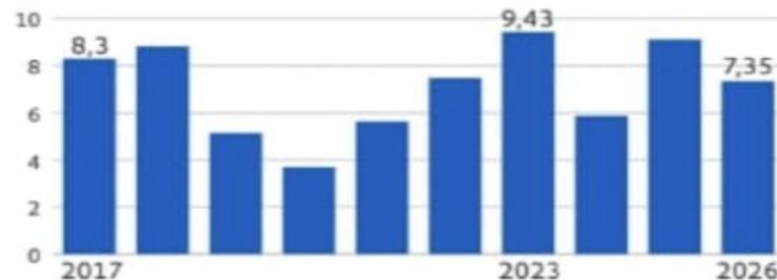
Concorrência cresce, e vendas do Brasil à Argentina despencam

Exportações caem 19,4% no primeiro semestre ante o mesmo período de 2025; país vizinho compra menos veículos e autopeças brasileiros, e chinesas ganham mercado

Comércio entre Brasil e Argentina

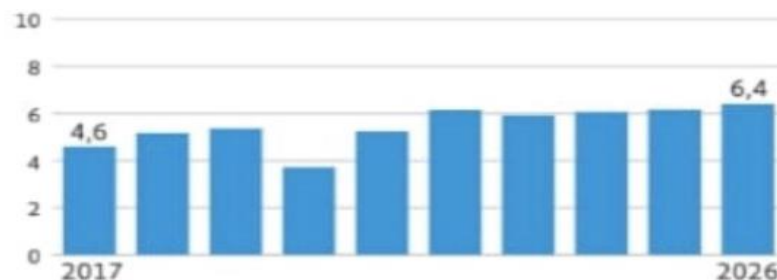
Vendas de produtos brasileiros para a Argentina

Em US\$ bilhões, no 1º semestre de cada ano



Vendas de produtos argentinos para o Brasil

Em US\$ bilhões, no 1º semestre de cada ano



Fonte: ComexStat (Mdic)

Jornal FOLHA 01-ago

Douglas Gavras

BUENOS AIRES Revertendo um movimento do mesmo período do ano passado, quando os argentinos passaram a comprar até mais carne do Brasil, as exportações brasileiras para o país vizinho caíram 19,4% no primeiro semestre de 2026.

Segundo o Mdic (Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços), de janeiro a junho, o Brasil vendeu US\$ 7,4 bilhões à Argentina, ante US\$ 9,1 bilhões na primeira metade do ano anterior — com redução da participação do país nas exportações brasileiras de 5,5% para 4%.

Há um ano, enquanto o Brasil enfrentava a primeira onda de tarifas dos Estados Unidos e buscava outros mercados para seus produtos, a Argentina se mostrou como uma opção de venda.

Neste ano, a perda de mercado argentino ocorreu de forma gradual durante, após um final de 2025 com alguns meses de crescimento nas compras brasileiras. Ainda assim, a Argentina permanece como o terceiro maior destino das exportações do Brasil, após a China e os Estados Unidos.

Exportações brasileiras para Argentina caíram 18,1% nos últimos 12 meses

País vizinho é um dos principais mercados para a indústria nacional e o terceiro maior parceiro comercial do Brasil, que foi responsável por 14,6% do total de suas vendas externas em 2025

Produtos mais vendidos para os 'hermanos' em 2026

(Em US\$ milhões)



FONTE: MDIC

Jornal GLOBO 29-jul

BERNARDO LIMA
E CÁSSIA ALMEIDA
economia@oglobo.com.br
BRASÍLIA E RIO

As exportações brasileiras para a Argentina — terceiro maior parceiro comercial do país — caíram 18,1% nos últimos 12 meses, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic), na comparação com o mesmo período anterior. O país governado por Javier Milei ainda é um parceiro importante do Brasil, mesmo com as discordâncias políticas de seu governo com o do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. No último fim de semana, Milei voltou a criticar o presidente brasileiro com duros ataques durante o lançamento da candidatura de Flávio Bolsonaro (PL).

A Argentina só fica atrás de China e Estados Unidos entre os maiores compradores de produtos brasileiros, segundo dados da balança comercial.

COMENTÁRIOS SITUAÇÃO BRASIL - ARGENTINA



- A redução das exportações brasileiras para a Argentina reflete, principalmente, o ajuste econômico promovido pelo governo argentino, que reduziu o consumo interno e a demanda por produtos importados.
- O aumento das importações brasileiras de produtos argentinos demonstra a recuperação da competitividade de alguns setores daquele país, especialmente do agronegócio, da energia e de determinadas indústrias de transformação.
- No curto prazo, o saldo comercial tende a ficar menos favorável ao Brasil, mas essa tendência não deve ser interpretada como estrutural.
- Se o programa econômico argentino continuar produzindo estabilidade, queda da inflação e recuperação da renda, a expectativa é de que a economia volte a crescer e aumente novamente sua demanda por bens industriais brasileiros, especialmente máquinas, equipamentos, veículos, autopeças e produtos químicos.
- A Argentina deverá permanecer como um dos principais parceiros comerciais do Brasil na América do Sul, reforçando a importância da integração produtiva entre os dois países e do fortalecimento do Mercosul.

AOS CONSELHOS DE ADMINISTRAÇÃO E CEOs

- A queda da Selic melhora o ambiente de investimentos, mas o crédito continuará seletivo.
- A guerra comercial exige revisão das estratégias de exportação e compras.
- Empresas devem acelerar produtividade e transformação digital.
- O planejamento financeiro precisa considerar elevada volatilidade internacional.
- Organizações preparadas terão vantagem competitiva no próximo ciclo de crescimento.

A economia brasileira iniciou um novo ciclo de redução dos juros, porém ainda mantém uma das maiores taxas reais do mundo. A inflação apresenta comportamento mais favorável, mas o Banco Central continua adotando postura prudente diante das incertezas fiscais e externas.

No cenário internacional, o aumento das tensões comerciais provocado pelas novas tarifas dos Estados Unidos amplia os riscos para o crescimento global. Ao mesmo tempo, a economia americana continua resiliente, mantendo influência decisiva sobre os fluxos internacionais de capital e sobre as decisões dos bancos centrais.

Na América Latina, a Argentina prossegue em seu processo de ajuste econômico, oferecendo importantes lições sobre disciplina fiscal, combate à inflação e reformas estruturais.

Para empresas e investidores, o momento recomenda planejamento estratégico, controle financeiro rigoroso, gestão eficiente dos riscos e atenção permanente às mudanças do ambiente econômico mundial.

RESENHA ECONÔMICA

Realização:



Curadoria:

Ailton Leite e Roberto Vertamatti

Vice-Presidência do Núcleo Economia da ADVB

Lívio Giosa

Presidente da ADVB

*Esta publicação possui finalidade exclusivamente educacional e informativa.
As notícias, imagens, gráficos e demais conteúdos de terceiros são utilizados como referência
para análise e debate econômicos, mantendo-se os respectivos direitos autorais de seus titulares.*